

Sexto Domingo DE PÁSCOA

DESAFIO PASTORAL:

Acompanhar os povos indígenas e afrodescendentes na defesa da vida, da terra e das culturas.



Hoje, os povos indígenas e afros estão ameaçados em sua existência física, cultural e espiritual; em seus modos de vida; em suas identidades; em sua diversidade; em seus territórios e projetos. Algumas comunidades indígenas se encontram fora de suas terras porque estas foram invadidas e degradadas, ou não têm terras suficientes para desenvolver suas culturas. Sofrem graves ataques à sua identidade e sobrevivência, pois a globalização econômica e cultural coloca em perigo sua própria existência como povo diferentes. Sua progressiva transformação cultural provoca o rápido desaparecimento de algumas línguas e culturas. A migração, forçada pela pobreza, está influenciando profundamente na mudança de costumes, de relacionamentos e inclusive de religião. (DAp 90)



Encontro com a Palavra para iluminar a vida*.

Do Evangelho segundo João 14, 23-29

Naquele tempo, disse Jesus a seus discípulos: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e o meu Pai o amará, e nós viremos e faremos nele a nossa morada. Quem não me ama, não guarda a minha palavra. E a palavra que escutais não é minha, mas do Pai que me enviou.

Isso é o que vos disse enquanto estava convosco. Mas o Defensor, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos tenho dito.

Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; mas não a dou como o mundo. Não se perturbe nem se intimide o vosso coração.

Ouvistes o que eu vos disse: 'Vou, mas voltarei a vós'. Se me amásseis, ficaríeis alegres porque vou para o Pai, pois o Pai é maior do que eu.

Disse-vos isso, agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós acrediteis.

"Nós nos deixamos iluminar"

"O Espírito da verdade, que procede do Pai, dará testemunho de mim, e vós também dareis testemunho de mim" (Jo 15,26-27).

Em muitas ocasiões, em várias esferas, há pessoas que não dizem o que pensam, mas o que outros querem ouvir, para não correr o risco de rejeição, retaliação ou repressão. Este é o recurso dos "oprimidos" (os pobres, as minorias, os povos indígenas ou afrodescendentes, os descartados, os diversos, os fiéis, etc.), que devem se defender contra a arrogância daqueles que acreditam ter razão. Mas também poderia ser a "máscara" daqueles que tentam agradar aos outros para continuar dominando ou manipulando os outros, porque não estão interessados na "verdade", mas em seus privilégios corruptos ou em seus ganhos mal obtidos.

O "Espírito da verdade" é um dom de Jesus Cristo para seus discípulos, mas não uma propriedade encapsulada da Igreja. Pois a verdade nos libertará, e a liberdade integral inclui autenticidade interior e transparência eco-socio-ecclesial do testemunho, em todos os momentos e em todos os espaços. Não se trata da visibilização clerical ou da espiritualização dos conflitos, mas da alegria contagiante do amor de Jesus Cristo "o caminho, a verdade e a vida". Reconhecer o Cristo Ressuscitado, e amar como ele (Jo 15,13), nos desafia a "promover uma Igreja, uma casa acolhedora, na qual se integram

* Para os textos bíblicos, usamos a tradução oferecida pela Bíblia da Igreja na América do CELAM.



as diversidades culturais, étnicas e sexuais" (AELAC 20), para que a "doutrinação" dê lugar à "evangelização" encarnada, inculturada, intercultural, poliédrica, misericordiosa e eco sinodal.

Reconhecer a multiculturalidade do continente no caminho da conversão teológica, pastoral e eclesial" (AEALC 25), "promover a interculturalidade, o inter-religioso e ecumênico" (AEALC 33) e "acompanhar os povos originários e os afrodescendentes na defesa da vida, da terra e das culturas" (AEALC 12), tornam-se imperativos evangélicos do espírito, que continua a dar testemunho de Jesus Cristo "com os povos originários da América, com os quais louvamos o Senhor que criou o universo como espaço para a vida e a convivência de todos os seus filhos e filhas e os deixou para nós como sinal de sua bondade e beleza" (DAp 125).

Discípulos e missionários da América Latina e do Caribe, somos chamados a contribuir "para o fortalecimento de suas próprias identidades e organizações, a defesa de seu território, uma educação intercultural bilíngue e a defesa de seus direitos" (DAp 530 e 532), criando espaços que gerem processos de defesa da dignidade humana e respondam a situações de injustiça e pobreza, favorecendo a expressão teológica, litúrgica e espiritual desses povos (cfr. AEALC 25).

O certo é que nosso "discipulado" é medido pelo amor mútuo, nossa "missão" pela dignificação dos mais sofredores-despedidos, nossa "profecia" pelo compromisso com as mudanças cheias de justiça e paz, e nossa "sinodalidade" pelo testemunho evidente (sem explicações sublimes) do modo de vida de Jesus Cristo "com uma nova identidade mestiça na América Latina e no Caribe com raízes negras e indígenas, à maneira de nossa Mãe Maria de Guadalupe" (Ibid 33 b).

De que ou de quem damos testemunho?



Reflexão para tocar a vida a partir dos Desafios Pastorais

Celebramos os 15 anos de Aparecida. Este evento de graça reconheceu e valorizou "a riqueza e a diversidade cultural dos povos da América Latina e do Caribe" (DAp 56). Nesta região existem "diversas culturas indígenas, afro-americanas, mestiças, camponesas, urbanas e suburbanas" (DAp 56). Afirma-se que "assumir a diversidade cultural [...] é um imperativo do momento" (DAp 59). Quinze anos após Aparecida, membros de povos indígenas e afrodescendentes, bem como pessoas de outros contextos culturais, observaram em suas contribuições ao processo de escuta que nas sociedades da América Latina e do Caribe ainda existem grandes assimetrias em termos de poder econômico, político, social e cultural. Isto reduz as possibilidades das comunidades indígenas, afrodescendentes e camponesas de ter acesso a uma vida em condições dignas, muitas vezes sofrendo de pobreza e exclusão.

Há um pedido dos povos indígenas para que a Igreja os "acompanhe" e os trate como iguais, respeitando suas "cosmovisões e diversidade" (SN, p. 67). É explicitamente solicitado que a Igreja "defenda a vida dos povos indígenas e denuncie os abusos contra a Casa Comum" (SN, p. 67). Insiste-se que no nível das relações entre indígenas e não indígenas "como agentes pastorais, devemos tratar uns aos outros no mesmo nível" (SN, p. 67). Os membros dos povos originários questionam certas concepções que os representantes da Igreja às vezes têm sobre a questão dos povos indígenas e da pobreza. A seguinte citação é expressiva a este respeito: "não queremos que a Igreja nos veja como 'pobrezinhos' aos povos originários, porque temos muito a dar e oferecer a partir de nossa cosmovisão. A Igreja deve aprender, respeitem a diversidade cultural que temos" (SN, p. 67).

Nas diversas contribuições dos membros do povo afrodescendente, "a desigualdade econômica, o desemprego [e a] falta de acesso a cuidados de saúde adequados [...] para a população afrodescendente" (SN, p. 68) são mencionados entre os aspectos que mais prejudicam. Várias vozes das comunidades afrodescendentes expressaram sua dor pelos "fortes traços de racismo, exclusão e abuso em nossas sociedades, e até mesmo pela falta de sensibilidade da Igreja à realidade e identidade dos povos afrodescendentes" (SN, p. 68). Dói que muitas vezes os membros deste povo experimentem uma "rejeição da diversidade cultural, ou posições de superioridade em relação aos povos afrodescendentes" (SN, p. 68). Também é doloroso que muitos jovens afrodescendentes vivam em situações de crescente violência. Várias contribuições expressam preocupação com a ausência do cuidado pastoral afro em muitas Igrejas particulares.

No entanto, dá esperança constatar que "onde há uma pastoral afro bem desenvolvida [...], há modelos pastorais adequadamente inculturados, com um resgate das raízes da população negra afro, e onde há celebrações cheias de suas próprias características" (SN, p. 68). Para vários membros da comunidade afro, é também um sinal de esperança que "ministérios estão sendo desenvolvidos com ênfase na identidade deste povo" (SN, p. 68).

[Cf. Doc. Discernimento 88-91].



O desafio que todos nós enfrentamos para incidir na vida



Enfrentar este desafio implica que nesta Páscoa, revemos com sinceridade nosso processo de conversão em nível pessoal, comunitário, pastoral e sinodal com sinceridade, reconhecendo que a conversão deve ser prática, acompanhada de obras concretas e não de meros discursos.

Tendo em nossas mentes e corações o desejo de acompanhar os povos originários e os afrodescendentes na defesa da vida, da terra e das culturas.

- Que atitudes de Jesus identificamos que nos ajudam a acompanhar os povos originários e os povos afrodescendentes?
- Você se lembra de algumas palavras do Papa Francisco que nos guiam no desafio de acompanhar esses nossos irmãos e irmãs?
- Que novos retos este desafio representa para o cuidado pastoral de sua comunidade?
- A que você poderia se comprometer pessoalmente para acompanhar os irmãos e irmãs dessas comunidades?

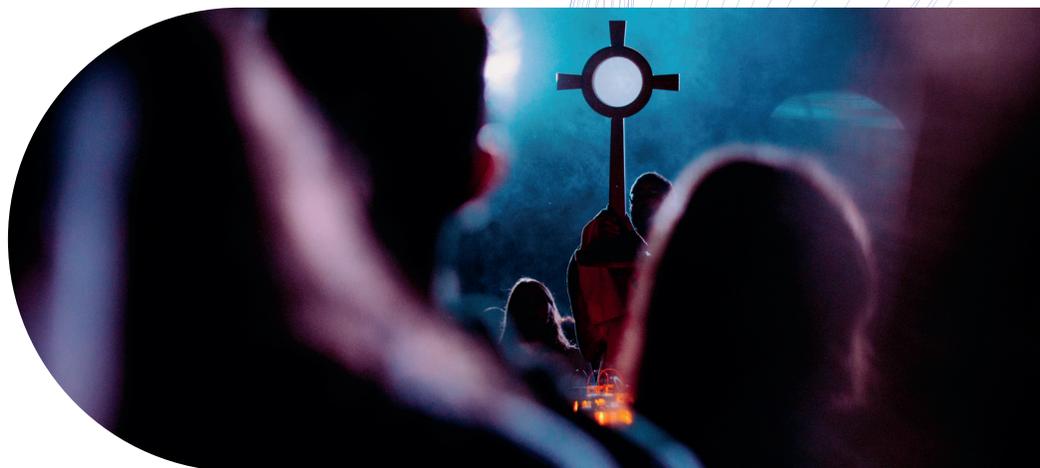
Demos mais um passo em nosso processo de conversão, no que diz respeito ao nosso compromisso de promover um encontro pessoal com Jesus Cristo encarnado na realidade do continente.

- **De nossa conversão pessoal:** Reconhecer que nossos irmãos e irmãs de povos originários e afrodescendentes são os possuidores de inúmeras riquezas culturais, que estão na base de nossa identidade atual (Cfr. DAp 92).
- **De nossa conversão comunitária:** descobrir a riqueza de nossa piedade popular comunitária enriquecida pelos valores desses povos (Cfr. DAp. 93).
- **De nossa conversão pastoral:** Assumir a causa dos pobres, encorajando a participação dos indígenas e afro-americanos na vida da Igreja (Cfr. DAp 94).
- **De nossa conversão sinodal:** Alentar la formación de los movimientos por la recuperación de las identidades, de los derechos ciudadanos y contra el racismo, los grupos alternativos de economías solidarias que hacen de las mujeres y hombres de pueblos originarios y negros, sujetos constructores de su historia, y de una nueva historia que se va dibujando en la actualidad latinoamericana y caribeña (Cfr. DAp. 97)



Celebrando a vida

*Deus da vida,
conceda-nos um coração aberto
para caminhar sinodalmente
com nossas irmãs e irmãos
dos povos originários e afrodescendentes
presente em nosso Continente.
A partir deles, nossos principais interlocutores,
devemos, antes de tudo, aprender e escutar
suas palavras, suas esperanças e seus medos.
Que eles estejam sempre presentes na mesa de diálogo
de nossas comunidades.
Amém*



ACRÔNIMOS

- AEALC : Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, 2021
CV: Christus Vivit, Papa Francisco
DAp: Documento de Aparecida, 2007.
DC: Documento para o Caminho. Assembleia Eclesial de América Latina e Caribe, 2021
CDD: Documento para o Discernimento Comunitário, Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, 2021.
DI: Discurso Inaugural, Aparecida.
IL: Instrumentum Laboris, Sínodo Amazônico.
EG: Evangelii Gaudium, Papa Francisco.
PT: Evangelii Nuntiandi, Papa Paulo VI.
FT: Fratelli tutti, Papa Francisco
LS: Laudato Si, Papa Francisco
QAm: Querida Amazônia, Papa Francisco
SA DF: Sínodo para a Amazônia, Documento Final.
SN: Síntese Narrativa. Escuta na 1ª Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe, 2021



A Virgem de Nazaré teve uma missão única na história da salvação, concebendo, educando e acompanhando seu Filho até seu sacrifício definitivo (DAp 267).

Nossa Senhora de Copacabana, Bolívia